A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II - NUMERO 64 — PREÇO AVULSO 1 ESCUDO — 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V, 18
TELEF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS E ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS E AVENTURAS — CONSULTORIOS E UTILIDADES

SEM LAR!

Eis a tragedia quotidiana de Lisbôa! Quando acabará ela?

DOMINGO ilustrado

ANO II N.º 64
LISBOA 22 DE AGOSTO DE 1926
PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado
DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — R. D. Pedro V, 15 — Tel. 481 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO — EDITOR JULIO MARQUES — IMPRESSÃO — R. do Seculo, 150

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ECOS

Missão dificil

O publico português, que não sendo dos mais cultos é dos mais espertos do mundo, compreenderá que, neste momento, a missão do jornalista é dificilima. Ele saberá perdoar e interpretar muitas coisas que lê.

Não nos lamentamos, nem protestamos, porque em geral não perdemos tempo com gestos inuteis. Seja-nos licito fazer apenas uma afirmação: A Imprensa portuguesa, áparte excepções que os seus proprios organismos repudiam, tem sido, nos anteriores anos de destrambelhamento governativo em que temos vivido, uma força serena e construtiva, que tem dado ao paiz, a par da coragem civica, a vontade de viver.

Um jornal despreocupado como o nosso, cuja função é cavaquear a sorrir da vida portuguesa, sem politica e sem azedume, precisa de ser encarado na sua missão, que não é a dos diarios informativos. Diz nos bião: «O ridiculo é, de facto, uma grande arma,—tão grande que mesmo amordaçada e quebrada fere ainda.»

Mas disso não temos nós a culpa..

Palavras que valem

No meio das ridiculas discursatas que os politicos e os revolucionarios de sempre costumam fazer, as palavras do sr. Fausto de Figueiredo, no banquete do Estoril, tiveram um valor que é mister pôr em fóco.

O sr. Fausto de Figueiredo, como o sr. Alexandre de Almeida, como uma meia duzia, se tanto, de grandes industriais, são as pessôas unicas capazes de dar a Portugal a fisionomia de paiz europeu, de que ele necessita.

A nossa finança, desconfiada, ignorante na sua maior parte, não conhece, porque não estuda, nenhum dos grandes problemas actuais. O esforço, portanto, destes industriais é hercu leo, porque tem de vencer a resistencia formidavel do meio.

Nunca será demais enaltecer a sua obra — e aqueles portugueses que sabem ter admiração pelo valor alheio, e que sabem ser amigos da sua terra, vendo acima da estreita nesga de luz politica — devem fixar os nomes de Fausto de Figueiredo e de Alexandre de Almeida, ultimamente postos em fóco como dois grandes constructores da nossa vida moderna, e junto de cuja grandeza desaparecem como pigmeus as enfiadas de tantos ministros anonimos da Republica.

Silva Nogueira

Por lapso não dissemos que o belo *cliché* que publicámos na nossa ultima capa era da autoria do ilustre artista-fotografo Silva Nogueira, director da conhecidissima «Fotografia Brazil» e nosso antigo e bom amigo. Aqui fica o esclarecimento, que tem apenas o valor de nos não ter sido pedido.

UM BOM LUGAR

—*Afinal esse logar da portaria de ascensor é um bom logar.*
—*Eu te digo, tem altos e baixos.*

Má língua

A SOMBRA...

Jantamos quasi sempre no terraço
que dá para um jardim de fresca data.
(Eu lembro-me chegar tarde, e abrando o passo
para fingir que tenho imensa lata...)

Vê-se a gente que passa no jardim
trilhando o pavimento alcatroado.
Senhoras serias, homens, girls sem fim...
E tambem, muita vez, um mutilado.

Ha muitos; e ha nos olhos, para os ver,
o vago sentimento aborrecido
de quem não veiu aqui para soffrer
...ou tem remorsos de não ter soffrido.

Passam, olhando a vida clara e bella
como aldes sombras do que se engrandeceram.
Malhas em vez de unhas. Na lapella,
fitas de côr do sangue que perderam.

Hontem, na altura da segunda prata
que um «lord» encasacado nos servia,
sem pedir venia nem levar o fato
sobiu um, cambaleando, a escadaria.

Guardava ainda a mocidade antiga
no rosto, de uma placidez amargura.
Num misto de humildade e de fadiga
trazia aos hombros uma caixa escura.

Poisou a caixa sobre o parapeito
e della um velho arco retirou,
aconchegando-o,—com que triste geito!—
num punho que por braço lhe ficou.

Tocou as cordas. E tocou, sem alma,
cravando muito o queixo no violino,
todo curvado a uma tristeza calma
que havia sempre pezar no seu destino.

Scarlatti... Notas cheias de alegria
que o coração sentia atormentado,
rebelde à dolorosa melodia
de um arco tababa e aparafuzado.

E ninguem applaudia as coisas calmas
que ia tocando sem talento ao prélio,
—talvez por mêdo de que nossas palmas
elle sentisse a mais amarga esmola.

E emquanto elle tocava, iam servindo
pelas mezas, as coisas mais diversas.
Tocava-se... entre talheres retinindo...
Soffria... entre murmurios de conversas...

Se alguem vendo lhe passava perto,
elle é que se affastava, a tilintar,
proseguindo o programma de um concerto
que a ninguem quereria incommodar...

Parou, reorganizou, no parapeito,
a bagagem de artista que trouxera.
Pegou num prato. E humilde, contrafeito,
pedia—como quem pouco merecera.

Quando sahiu, nenhum olhar magoado
lhe acompanhou a sombra cambaleante.
Talvez os francos que lhe tinham dado
fossem consolação mais que bastante.

Fôra uma vaga sombra sem sentido...
um momento sem côr e sem belleza...
Toda esta gente que o não tinha ouvido
atacou com volupia a sobremesa.

E ninguem deu porque dahi a pouco,
para além do jardim, do hotel fronteiro,
chegavam echos do violino rouco
juntando mais um peso ao seu cruzeiro.

Outra vez a harmonia dolorosa...
De novo as alegrias de Scarlatti...
—A' minha esquerda, uma menina idosa
guindando muito as unhas côr de rosa
deitou fôgo ao rastilho de um «Muratti»...

Hendaya—Agosto 1926.

TAÇO

questão prévia

HA dias, na praia, vendo rolar o rio em ondas pequeninas, como quem se ensaia para ser mar uns quilometros mais adeante, fui interpelado por um sujeito, que ao meu lado fazia imensos esforços para eu perceber que era pai dum rocambolezinho de sete anos de idade e duma engomadinha de dez, que dentro dos respectivos maillots de banho davam a desoladora impressão de não terem nascido para aquilo. E aquilo, afinal, era isto, simplesmente: dar a mão ao banheiro e entrar pela agua, tanto quanto possivel como nós por nossa casa.

—Veja Vossencencia—disse-me de chofre o homenzinho, em quem pelo alambicado do dizer reconheci hoje o 2.º oficial nato da Contabilidade Publica, *doublé* de chefe de secção interino—veja Vossencencia como as crianças de hoje diferem das crianças do meu, direi mesmo do nosso tempo.

—O cavalheiro dirá o quizer, porque, enfim, eu não sou de cerimonias nem de censuras, mas advirto-o de que não conheci as crianças do seu tempo, pela simples razão de eu ainda não ser nascido quando V. Ex.ª teve a honra de ser criança.

—Pois o meu amigo não imagina o que nós eramos em pequenos! Uns estupidos..

—V. Ex.ª é das pessoas que não mudam muito de feição com a idade.

—Uns atadinhos, que nunca saiamos de baixo das saias das mamãs.

—Naturalissimo, afinal, essa posição das crianças do seu tempo. Estava em moda o balão. Imagine se os miudos de hoje quizessem acolher-se ás saias maternas? Coitadinhos, estavam impossibilitados de o fazer por absoluta falta de espaço.

—Mas hoje, não! — proseguia, alheio e entusiasta, o pai prodigo de elogios. Hoje, graças aos professores da educação fisica e da alimentação quimica, as crianças — e apontava-me os dois rebentos enfezados — são aquilo.

—Como os melões, que tambem agora são a pêso.

—Veja, repare bem no meu pequeno... Que lhe parece?

—Parece-me pequeno.

—Tem sete anos!..

—Coitadinho!... Pobre criança!...

—Pois ali onde o vê, já ganhou o campeonato anual...

—Com sete anos, é natural... Isto, se entre os outros concorrentes os não houvesse com mais.

—Ora essa?! Havia-os lá com dez e doze.

Pois é como lhe digo... Ganhou o campeonato das construções civis de papel recortado que todos os anos organisa aquele semanario infantil chamado «O dedo no nariz». No colegio, para ele as primeiras letras são já as segundas ou terceiras e alem disso tem a équipe do *club* pronta a estreiar na proxima temporada do *foot-ball*

—E a menina?

—A menina, essa, além dum bocado de ginastica sueca, já vai compondo os seus versinhos muito regularmente. Espero vê-la d'aqui a dois anos dar á luz...

—Quê? Já d'aqui a dois anos?...

—Sim, meu caro, á luz da publicidade um volume de sonetos todos em quadras, que são os que mais quadram ao gosto do publico.

Nesta altura do dialogo, os dois tenros arbustos anemicos saiam da agua, com os maillots lamentavelmente colados á pobreza dos cadaveresitos angulosos.

—Veja — indicava o pai, revendo-se na prole — veja se no nosso tempo se viam crianças assim.

—Ah, isso não se viam, não... Quem tinha filhos assim ou não saia com eles á rua ou não os mostrava em fato de banho...

E como o excelente papá me parecesse assombrado pelo meu dizer iconoclasta, acrescentei generosamente.

—... com mêdo que lh'os roubassem!

Um sorriso agradecido coroou a minha frase apoteotica.

Afinal, não ha crianças mal criadas. O que ha, é pais muito criadores.

IMPOSSIVEL

—*Que tempo faz esta manhã, Antonio?*
—*Não posso vêr, patrão, está nublado muito [illegible]*

A EXPANSÃO REGIONAL DE «O DOMINGO»

O nosso colaborador Xisto Junior, não querendo dar pasto, com a sua prosa chistosa e brilhante, ao lapis da Censura, decidiu neste numero fazer substituir a habitual Cronica Alegre *por uma pagina regional, á maneira dos grandes jornais.*

A organisação desta pagina pertence de facto áquele nosso colaborador, mas os artigos são da autoria dos nomes que os subscrevem, nomes dos mais cotados em Vila Nova de Bugalhos, onde se ilustram no exercicio das mais nobres virtudes civicas.

BUGALHOS EM FESTA!

A RAINHA DE RIO PEQUENO! — A LENDA HISTORICA — INDUSTRIA, COMERCIO, MONUMENTOS. — SALVÉ POR UM PORTUGAL MAIOR!

BUGALHOS EM FESTA — A VILA E AS SUAS TRADIÇÕES HISTORICAS — A LENDA DA SUA DENOMINAÇÃO

Vila Nova de Bugalhos, a risonha povoação que em riscos de cair se debruça sobre o caudaloso Rio Pequeno, está em festa, graças á benemerencia d'alguns dos seus filhos ausentes no Brasil e aos esforços e patriotismo da Junta da Freguezia. Bugalhos vai ser dotada com um melhoramento importante: a iluminação a acetilene, cuja inauguração se realisa no corrente mez, por ocasião das grandiosas festas em honra e louvor de S. Pantaleão da Estrela, que se venera na sua capelinha, erecta no sitio chamado Pedra Poucas.

Não sou um Herculano, um Rebelo da Silva ou um Camões, mas com a pratica que tenho de correspondente de jornais do distrito, vou procurar corresponder ao convite do sr. redactor de *O Domingo Ilustrado*, fazendo a historia desta linda terra, onde a primeira vez vi a luz do dia, ás dez horas da noite de 30 de Setembro de 1884.

Vila Nova de Bugalhos é das povoações mais velhas de Portugal. Dizem uns que foi fundada por D. Sancho III, 150 A. C.; outros afirmam que se trata duma colonia fenicia fundada por gregos, no tempo em que o mar era no interior do país e não nas costas, como se vê actualmente. O que parece, porém, aproximar-se mais da verdade é a tradição, constante dum bilhete postal do sr. Antonio Cabreira, encontrado no arquivo do falecido comendador Nunes, em que se atribue a fundação desta risonha vila a Recesvinte, rei dos Suevos, que para a construir e povoar pediu emprestados cem Cruzados a Frederico Barbaroxa, o qual (no dizer do documento citado) lhos emprestou a Recesvinte por cento».

O mesmo sr. Antonio Cabreira afirma na sua obra, «Os Bugalhos em Portugal», que aqui se feriu uma batalha. Ora isto não é historico nem certo. A unica Batalha destes sitios nunca se feriu e se algumas vezes tem vindo cá á farmacia coser o coiro cabeludo é

sempre o marido, o Batalha barbeiro, quem a fere com o assentador, assentando-lho na caixa craneana. Nestes pontos não me bate o sr. Cabreira, porque na minha qualidade de farmaceutico sou eu quem os aplica a todos os ferimentos.

A origem do nome desta ridente povoação tambem se perde na noite dos ventos e mesmo na dos «Diarios de Noticias». Contudo existe uma lenda que pretende explicar essa origem. E' a seguinte:

A certo rei mouro, grande amador de petiscos, chegou a fama do bacalhau sueco, que vendia o Zézinho da Loja, estabelecido desde ha muito em Bugalhos com vendas por grosso e retalho. Ei-lo que parte com a sua comitiva e o seu harem em busca do bacalhau famoso e tendo aportado a esta vila (ao tempo Bugalhos era ainda uma colonia fenicia do interior), mandou logo ao seu cosinheiro, chamado Ali-Bug, que lhe assasse duas postinhas do lado da cabeça. Feito o petisco, sentou-se o rei á mesa e deante do bacalhau lourinho e apetitoso, regado com um fio de azeite, teve sua magestade mourisca uma inspiração e, batendo as palmas, ordenou a Ali-Bug.

—Bug, alhos!

E assim a terra se ficou chamando Bugalhos e se espalhou o costume de comer bacalhau com alho.—*L. B.—Farmaceutico.*

A INDUSTRIA E O COMERCIO — OS PRINCIPAIS MONUMENTOS — UM BELO PROJECTO

A principal industria de Bugalhos não é nenhuma. As restantes tambem se encontram em grande decadencia por falta de protecção dos poderes publicos.

O comercio luta presentemente com uma grande falta de freguezia, o que traz preocupada a Junta de Freguezia, que anda a estudar os motivos por que a freguezia se não junta nos dias de mercado, na loja do sr. Zézinho da dita.

Felizmente Vila Nova de Bugalhos é dotada de bons monumentos, sendo todos principais, ao contrario do que se dá com as industrias. Entre outros lembra-nos ter visto:

—O chafariz d'El-Rei, na praça da Republica. E' em estilo manuelino, em homenagem ao comendador Manuel Nunes, que o pagou e cujo busto se ostenta no alto do monumento. Tem todas as condições para atrair a atenção geral e só lhe falta deitar agua, porque a junta cortou-lhe a agua á escovinha, visto o chafariz ser reaccionario.

—O coreto da Alameda. E' todo de ferro, para simbolisar o ferro que os progressistas tiveram quando os regeneradores venceram umas eleições. Servia aos domingos, para exibição musical da Filarmonica Democratica Luz e Esperança Fraternal, mas desde que o trombone e dois clarinetes se passaram para a Esquerda Democratica os concertos cessaram.

—A Matriz, no largo da Matriz. E' uma construção vulgar, no estilo dos predios de Lisboa. Até por isso ha quem lhe chame a Matriz predial. Está em mau estado, mas como a Igreja se separou do Estado ninguem se preocupa se o estado da egreja é bom ou mau.

—O castelo. No tempo dos mouros houve nesta vila um castelo todo feito

de ruinas, conforme o estilo arabe da epoca. Ultimamente, como as ruinas ameaçavam ruina, acabou-se com aquilo de vez. Apezar de não existir, o castelo é considerado monumento historico.

Ainda que provecta e velusta, Vila Nova de Bugalhos é uma povoação que se modernisa e caminha a passos agigantados na senda do progresso e da civilisação. Ultimamente, por decisão da Junta, foram proibidas as bilhas de agua que não meçam uma canada. Assim, sem maior dispendio, conseguimos ter agua em canada.

Recemchegou a esta vila um seu nobre filho, que nas Americas grangeou alguns meios de fortuna. Amando a sua terra com entranhado afecto, o ilustre Bugalhense vem disposto a pô-la ao par das melhores do país, para o que dispõe do projecto genial da edificação dumas termas, com a competente estancia de aguas minerais e, d'aqui por um ano, a respectiva praia de banhos.

Uma comissão composta pelo farmaceutico, barbeiro e medico do partido está encarregada de estudar o tipo de aguas que mais convem descobrir para beneficio da humanidade enferma e desta terra. A' cautela o farmaceutico está açambarcando toda a agua de Vidago do concelho. Segundo parecer do barbeiro, a agua a adoptar deveria ser a agua pé.—*M. B.—Fiscal dos Impostos.*

ALGUNS HOMES ILUSTRES DE BUGALHOS

Na politica teem florescido algumas das melhores cabeças de Bugalhos.

Consta que o Cardeal D. Henrique era de Bugalhos e que aqui nasceu tambem o inventor da polvora, não tendo o menor fundamento a tradição erronea que dá Bugalhos como patria de Sedlitz, o famoso inventor dos alfinetes de segurança para uso externo.

No campo das artes podemos orgulhar-nos de aqui não terem nascido nem Wagner, nem Camões, nem D. Judite Teixeira, nem outros homens célebres deste ou do passado seculo.

Corre o boato de que, após a morte do padre Antonio Vieira, a sua viuva veiu carpir a desolada viuvez em Bugalhos, mas naturalmente isto é tão certo como dizer-se que esta terra foi o berço do marechal Junot, do poeta sr. João Maria Ferreira e doutras celebridades.—*D. P. C.—Prof. oficial.*

Pela copia.

XISTO JUNIOR

CASO ARRUMADO

—Empresta-me vinte mil reis - Quero liquidar as minhas dividas duma vez por todas!

LOGICO

—Parece-me lume, disse-lhe o que venho aqui procurar...
—O Limpeiro...

Curiosidades

A HISTORIA DO BANHO

Nas primeiras idades da humanidade só se conheciam os banhos em depositos naturais de agua, como os rios, os lagos e o mar. Na India, todos os lugares destinados ao culto tinham um tanque sagrado, onde se banhavam os crentes. O Ganges conserva esse mesmo caracter sagrado, submergindo-se nele, durante as festas religiosas, centenas de devotos. Os egipcios banhavam-se no Nilo, e entre os hebreus eram frequentes os banhos, já como purificação religiosa, já como habito higienico. Na Grecia era vulgar o banho no rio e no mar, assim como o banho domestico. Reza a historia que os gregos tiveram banhos publicos; igual costume tiveram os romanos, sendo famosas as termas que os imperadores fizeram construir para conquistar o favor do povo. Na Idade Media o costume de tomar banho passou a estar muito menos arreigado, e no Renascimento ainda menos.

AS REFEIÇÕES DO PAPA

A côrte vaticana, que foi a mais elegante do mundo e que em 1870 era ainda uma das mais faustuosas, desde esta data até hoje tem uma historia cheia de intimos e delicados esplendores. A essa historia dedicou Carlos Prati uma curiosa obra intitulada *Papas e cardeais na Roma moderna*.

Pio X teve que sustentar uma longa e porfiada luta para reconquistar, tanto para si proprio como para os seus sucessores, o inocente e cristianissimo prazer de sentar um comensal á sua mesa. Desde Urbano VIII, isto é, desde ha trez seculos, o protocolo obrigava o Papa a comer sòsinho. Leão XIII, muito respeitoso da tradição, não ousou infringir o costume e quando convidava para a sua mesa o seu secretario, monsenhor Angeli, fazia-o sentar diante dum prato vazio, emquanto ele, Leão XIII, comia. Quando ele acabava, começava o secretario a comer, sendo então o Papa um simples espectador. Pio X aboliu este costume e comeu á mesa com o seu amigo monsenhor Bressand, sem se importar com o escandalo que tal procedimento levantou.

Hollywood, a cidade cinematografica

HOLLYWOOD, cidade maravilhosa, gerada expontaneamente, ha alguns anos, pelo desenvolvimento da industria cinematografica, fica situada a 10 quilometros para Oeste da cidade de Los Angeles, perto da costa do Pacifico, na California do Sul. Directa ou indirectamente, todos os habitantes de Hollywood vivem do cinema. Perto de 60.000 individuos—actores, comparsas, enscenadores, operadores, electricistas, carpinteiros, pedreiros, pintores e decoradores—são empregados das grandes marcas de cinematografo que têm em Hollywood os seus «studios»; á margem dessa multidão aglomera-se toda uma série de comerciantes, hoteleiros, etc., que vivem á custa dos 60.000 «filhos do cinema», e, portanto, á custa deste. Só o extraordinario, o fantastico incremento que o cinema atingiu nos Estados Unidos pode explicar a criação desta cidade incrivelmente moderna.

Por ordem de importancia, as três maiores industrias dos Estados Unidos são: a das conservas (representando um capital de 2.200 milhões de dolares), a dos automoveis (1.700 milhões de dolares), e a do cinematografo (1.500 milhões de dolares). Esta ultima calcula-se que ocupa umas 300.000 pessoas, atingindo a sua produção anual uma importancia de 200 milhões de dolares e pagando de salarios e emolumentos uma quantia não inferior a 75 milhões de dolares. Ha, nos Estados Unidos, 20.000 salas de espectaculo cinematografico, ao passo que em todo o resto do mundo deve haver umas 47.000.

A receita das salas norte-americanas deve ser de 750 milhões de dolares. Ha tambem 25.000 igrejas que se utilizam do cinema para fazer propaganda religiosa. Os Estados Unidos exportavam, em 1913, 10 milhões de metros de pelicula, do valor de 2 milhões e meio de dolares; em 1925 já exportavam mais de 80 milhões de metros de pelicula, num total de 8.630.000 dolares.

Das 250 emprezas cinematograficas norte-americanas, ha trinta com sede em Hollywood, mas trinta que são das mais importantes.

Hollywood tem o aspecto dum imenso parque semeado de casas de campo e rodeado por «boulevards» e avenidas rectangulares. A arteria principal é o Hollywood Boulevard, que tem a extensão dos dez quilometros, que separam esta cidade da de Los Angeles. Tem, de ambos os lados, os mais diversos armazens. Passando os limites da cidade, para o Norte, encontram-se os contrafortes das Montanhas Rochosas, isto é, a natureza selvatica e desertica, o classico scenario das correrias de «cow-boy» e aventuras fantasticas.

Os «studios» de Hollywood teem todos os aperfeiçoamentos tecnicos e um conforto que mal se pode imaginar. Teem-se construido em Hollywood paisagens de todas as civilisações, paizes e epocas, desde Veneza com os seus canais e a sua Ponte dos Suspiros, aos poeticos jardins japonezes, ás cidades assirias e babilonicas, ás ruinas romanas e da Peninsula Iberica. Reconstituiu-se, para o «film» «Notre Dame de Paris», uma copia exacta da catedral gotica parisiense, mas só até á primeira plataforma, sendo o resto obtido graças a um engenhoso «truc», que consistiu em colocar uma «maquette» de pequenas dimensões perante uma objectiva ampliadora.

Para a fita «O ladrão de Baydad» reconstituiu-se uma cidade do Oriente, completa, com as suas cúpulas e minaretes, tudo construido de madeira e cimento armado. Ha grandes extensões cobertas de edificios frageis, prontos a serem demolidos: palacios, castelos, gares de caminho de ferro, docas, fabricas, pontes de navios, pagodes chinezes, casas persas, etc. Ha imensos «hangares», repletos de moveis, de maquinas e aparelhos extraordinarios, que produzem fumo, vento, tremores de terra e outros fenomenos duma natureza que obedece á pressão dum comutador electrico.

No meio de tudo isto, imagine-se a mais fantastica população: indios com penas na cabeça, árabes de albornoz, «gauchos» de grandes chapeus de feltro, mosqueteiros á Luiz XIII, soldados com uniformes de todos os paizes e epocas, «écuyères» de circo com botas altas, sacerdotizas gregas de «peplum», princezas de tranças loiras, damas de côrte, etc., tudo misturado com maquinistas e operadores com «macacos» de ganga.

Hollywood não tem teatros, nem «restaurants» nocturnos ou «dancings». Em compensação, abundam os cinemas, porque todas as pessoas que vivem do cinema, toda a população, numa palavra, tem a ansia de ver as produções das outras casas, rivais daquela onde estão empregados. A cidade tem, alem da policia vulgar, um corpo de *policewomen* ou mulheres policias.

A aristocracia de Hollywood é constituida pelas «estrelas» cinematograficas de ambos os sexos, as quais possuem os seus palacios principescos no risonho vale que corre ao longo das montanhas. Chaplin, Charlie *Charlot*, tem um palacio turco; Sessue Hayakawa, o grande actor japonez, é senhor dum imponente castelo com ameias.

Hollywood é o grande centro tentador de todos os jovens americanos que querem fazer fortuna; é como o Brasil para os portugueses do seculo passado. Em Hollywood morrem muitas esperanças e realizam-se muitos planos que pareciam loucuras. Hollywood é a cidade dos pesadelos e dos sonhos dourados.

ESTÁ NEURASTENICO?
DESTRAI-SE LENDO «O DOMINGO ILUSTRADO»

FANTASIAS DA AMERICA

Em Holliwood, a cidade do Cine, onde tanto se apreciam as extravagancias, pensou-se em colocar sobre os ombros dos agentes de policia encarregados de regular o transito nas ruas um reflector de luz vermelha, que sirva para indicar aos automobilistas quando devem parar o veiculo. Nestes dias de calor intenso não deve ser invejavel ter sobre os ombros um facho luminoso e estar-se transformado em pirilampo humano.

O INVENTOR DOS POSTAIS ILUSTRADOS

Faleceu ha dias M. Edward Tuck, subdito inglês, «baronnet» e milionario, a quem é atribuida a invenção dos bilhetes postais ilustrados. Parece, contudo, que ele apenas contribuiu para a sua difusão, enriquecendo com a sua venda. A invenção deve ser antes atribuida ao francês Léon Besnardeau, natural de Sillé-le-Guillaume, que mandou imprimir o primeiro bilhete postal ilustrado, o qual era uma litografia a cores representando dois grupos de armas sustendo um pendão onde se lia «Souvenir de la Défense Nationale». Por cima, o brazão da Bretanha. A impressão foi feita na casa Oberthur, de Rennes.

CEMITERIOS DE ELEFANTES

Uma tradição, apoiada pelos exploradores e sabios, diz que os elefantes advertidos, por qualquer estranha e curiosa presciencia, de que vão morrer, se retiram para um local secreto—apenas um para cada região—e só ai repousam em paz, dormindo o ultimo sono. Esta tradição toma certo vigor pelo facto de ninguem ter encontrado nos matagais e florestas virgens ossos de elefante. Só um viajante, o major Powell Cotton, dos fuzileiros de Northumberland, pertendeu, outrora, ter descoberto, na região do Alto Nilo, um cemiterio de elefantes. Mas esta afirmação não foi autenticada. Presentemente, uma americana, Mrs. Boumphrey, a quem são familiares os segredos da selva, resolveu partir para a Africa, em busca dum cemiterio de elefantes, que a tornaria senhora duma inexgotavel mina de marfim.

O DOMINGO ilustrado

O "El Dorado" do Brazil

Conhece toda a gente de teatro aquelas historias que se contam dos principes apaixonados do Brazil, aqueles santas e pacatas creaturas que quando viam uma actriz portugueza sobre um palco do Rio de Janeiro eram de subito tomadas por uma paixão absorvente, fatal, impiedosa, apaixonadamente, que tinha a sua primeira explosão em forma de ramo de flores, a segunda por um par de brincos de brilhantes do tamanho de tremoços, e depois, em explosões seguidas, como nos motores da engenharia moderna, atiravam com pedentifes, automoveis, cheques de vinte contos, casacos de peles, chalets, etc., etc.

Entre o cochichar dos camarins de Lisboa apontam-se casos desta natureza, citam-se exemplos, e a gente pasma do bom coração dos apaixonados brazileiros e, sobretudo, da sua extrema confiança nas mulheres.

As pessoas que nunca vieram ao Brazil ficam pasmadas de tanta palavra bonita, e quando uma companhia se forma para demandar as terras de Santa Cruz, as coristas entram á custa de empenhos, a bicha das pretendentes ao ingresso na «troupe» embaraça as emprezas, e tudo são recomendações:

—Põe no Banco o dinheiro que eu mandar!

—Assim que chegar mando-te logo um cheque!

Durante a viagem, as coristas, embaladas pelas lendas ouvidas, mostram as «toilettes» fiadas a peso de ouro, na firme convicção de que, com quinze dias de Brazil, aquilo fica tudo pago... e ainda sobeja.

Desembarcam. Em vez dos tais principes encantados, com as algibeiras cheias de notas e o coração a rebentar de amor, dez ou doze curiosos «vão ver as caras». A tal multidão de sujeitos de edade madura, que estão sempre á espera das companhias portuguezas para despejarem as montras dos ourives, é representada por um velho frequentador da «plateia», de muitas latas e nenhum dinheiro.

Veem os primeiros espectaculos e os tais principes continuam incognitos.

E' que não veem nas primeiras noites!

Mas as noites vão-se passando e os principes não aparecem!

De quando em quando aparece um «groom» com um ramo de flores para a menina... uma outra caixa de bon-bons para a menina... e dali não se passa!

Por fim, todos reparam que... tudo era lenda e então lá vem uma ceia ou outra, uma pulseira de ouro sem ser da lei, uns sapatos, e é contentar... que os «bons» já se fartaram de o ser.

O Brazil! O «El-Dorado» das raparigas que vêm as outras aparecer com brilhantes! Foi-se! como diz o povo... e todas as que cá vieram, á procura do tal principe das Esmeraldas.

HENRIQUE ROLDÃO

Maximas e proverbios teatraes

Quem tem telhados de vidro não atira pedras aos do visinho.
E' por isso que os teatros são todos cobertos de telha de Marselha.

* * *

Gato escaldado d'agua fria tem medo.
D'ahi a dificuldade em se arranjar, hoje em dia, um capitalista para uma empreza teatral.

* * *

O olho do dono engorda o cavalo.
E o olho do Amarante engorda a Mula Ruça.

* * *

Quem dorme, dorme-lhe a fazenda.
E' o que acontece ao Castelo Branco quando veste uma peça má

* * *

Candeia que vai adeante alumia duas vezes.
Pois sim, mas se o emprezario gasta o dinheiro da «première» antes da peça subir á scena, na noite da estreia não tem com que mandar acender as luzes.

* * *

Mais vale um gosto que quatro vintens.
Ha muito artista que dá ao emprezario o desgosto diario d'um vale de cem mil reis.

* * *

Filho de peixe sabe nadar.
Da proxima Companhia Rafael Marques será fiador o Alfredo Ruas.

* * *

Quem espera sempre alcança.
Se não fosse este proverbio acabavam as bichas de borlistas á porta dos teatros.

* * *

Bago a bago enche a galinha o papo.
Aos emprezarios sucede geralmente o contrario.

* * *

Quem o alheio veste na praça o despe.
As trez meninas... nuas, foram-se despir para o Gymnasio.

* * *

Quem meus «Filhos» beija minha boca adoça.
E' por isso que o Alexandre de Azevedo se está lambendo com bôas receitas.

* * *

De pequenino é que se torce o pepino.
O Augusto Costa e o Vasco Sant'Ana não querem ouvir este proverbio.

* * *

A palavras loucas, orelhas moucas.
Se assim é, os espectadores do Maria Victoria deviam ser todos surdos!

* * *

Nem dois galos na mesma capoeira, nem duas «Estrelas» na mesma Companhia.

* * *

Atraz de mim virá quem bom me fará.
Com quem fará o Luiz Ruas negocio para a proxima epoca de inverno?

* * *

Quem dá o que tem não é a mais obrigado.
A Inspecção Geral dos Teatros é que não está d'acordo com este ditado.

* * *

Fia-te na Virgem e não corras e verás o trambolhão que levas.
O mal do Luiz Ruas foi fiar-se no Christo.

* * *

Dá Deus nozes a quem não tem dentes.
E dá traduções ao Mario Duarte, que tem os dentesd ele e os dos outros.

* * *

Ao menino e ao borracho põe sempre Deus a mão por baixo.
Alguns emprezarios, não podendo voltar a ser creanças, embriagam-se todos os dias.

* * *

A cavalo dado não se olha ao dente.
Pois sim, mas ha muito borlista que quando não gosta pateia como gente.

LINO FERREIRA

CARTAS DE UM COMEDIANTE

O SUICIDIO DE NINA SANZI

Ouviram falar de Nina Sanzi? Nina Sanzi, alma de nomade, insatisfeita de horizontes, de povos, de costumes, de civilisação, a personalisação feminina de «Des E'sseintes, do «A Rebours» de Huysman...

... Nina Sanzi entrou para o teatro, no Brasil, a sua terra. Aplaudida por uns, mal compreendida por outros, veio para Italia. Organisou uma companhia. E, ao lado de Rosaspina, percorreu as principais cidades italianas. Voltou ao Brasil. Estreiou-se no Municipal do Rio de Janeiro com a «Cena delle Beffe», a extranha peça de Sem Benelli. Viajou pelos Estados. Regressou á Europa mas, d'essa vez foi a França buscar companhia. Reapareceu no Rio, á frente de uma esplendida «troupe» de artistas parisienses, representando primorosamente os modernos autores franceses. Foi Nina Sanzi quem deu a conhecer ao publico brasileiro, «Chantecler» de Rostand.

De 1912 para cá, não mais se ouvira falar de Nina até que Chaby Pinheiro a descobriu em Paris, numa das suas viagens. Nina Sanzi propoz-lhe a direcção de uma grande Companhia dramatica, que ia ocupar um novo teatro, ainda em construcção no Rio de Janeiro. Proseguiam as obras. Nina Sanzi conseguira que um grupo de capitalistas se interessasse pelo seu teatro e procedia á escolha de repertorio.

* * *

Mas o telegrafo anunciou um dia, laconicamente, o suicidio da actriz Nina Sanzi. Como? Porquê? Veio depois o relato nos jornais... Ainda não ha um mez que isto foi...

Nina Sanzi escalára a Tijuca n'um automovel. Lá no alto, saltou do carro em andamento... Correu para a beira do precipicio... Tirou as vestes ligeiras que a envolviam... E, despida, despenhou-se no abismo...

... Veio o comentario das gazetas, escalpelando a vida intima da artista. Que nos lembre, só Coelho Netto escreveu uma pagina de exaltação, precisa e sentida.

E os que teimavam em não a aplaudir no tablado não compreenderam o ultimo gesto de Beleza de Nina Sanzi... A oferenda a Deus da sua morte triunfante: o recorte da atitude eterna que os sentidos exigentes lhe desenharam. A oferenda ao Mar do seu corpo, para que o Mar o beijasse e o embalasse, de onda em onda, até que adormecer pudesse...

* * *

A noticia de um suicidio, por mais banal que seja o desventurado que se resolve a aniquilar a propria existencia, é sempre triste... Facho de luz que se apagou... Sonho sepulto na treva... Todos teem a sua cruz, mas ha cruzes circundadas de uma aureola de oiro.

As dificuldades de vida que constrangeram Nina a suicidar-se não são as dificuldades do comerciante X que se suicidou por não poder pagar á Companhia tal os sacos de assucar com farinha que lhe foram fornecidos a credito com bom juro.

Nina atravessava embaraços materiais. Mas estava tambem á beira da impossibilidade maxima:

Erguer o seu sonho, corporisal-o, afirmar o seu valor, confundir os nescios, calcar a pés os parvos que a abocanhavam.

E era o seu teatro, com as suas ideias, com a sua visão de arte, muito sua, que lhe ia faltar!...

Restava-lhe uma saida, longa e escura, tenebrosa: O suicidio. Mas a morte miseravel, não a quiz Nina para si. E quiz morrer com alegria...

E fez do ultimo momento, o instante mais victorioso da sua carreira de artista.

Numa atitude eterna, fez a Deus a oferenda da sua alma, todo o seu anceio de arte mal compreendido pelos homens. E ao Mar, a oferenda do seu corpo, para que o mar o beijasse e o embalasse, de onda em onda, até que adormecer pudesse...

CARLOS ABREU

O DOMINGO Ilustrado

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

Silva Tavares, o notavel poeta, é divorciado. Esta pagina tem, alem do espirito scintilante com que é feita, a veracidade do episodio — parte obrigatoria nestas paginas em que cada escritor vem contando um episodio da sua propria vida.

TODOS temos na vida uma aventura,
a história dum sorriso de mulher,
um fio de ternura
qualquer...

E em verdade vos digo, sem bravata:
Inda está p'ra ser gerado
o primeiro dos senhores
que não ageite a gravata
vendo-se muito fitado
por dois olhos tentadores!...

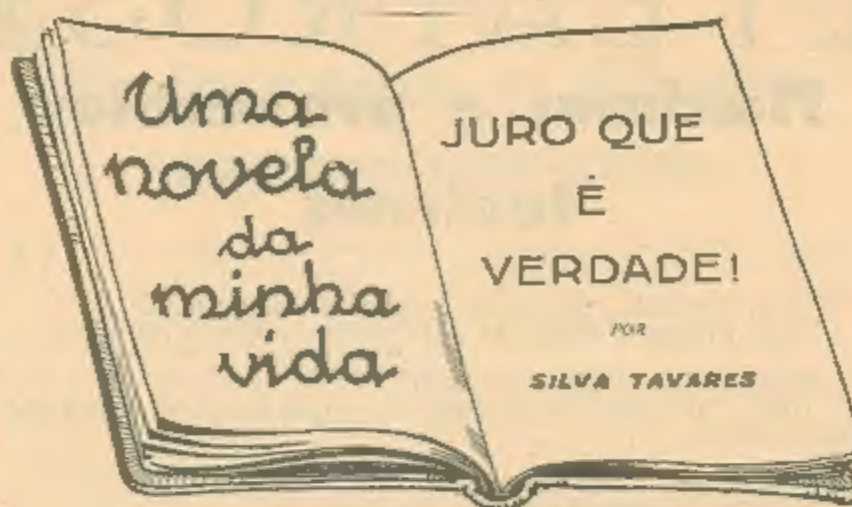
* * *

Um dia, d'entre a gente que passava
pelo Chiado, á hora em que retine,
achando-me liberto d'afazeres,
quiz confrontar quem é que mais se olhava
em certo espêlho que ha numa vitrine:
—Os homens, triplicaram as mulheres!...

Isto vem a proposito do resto
que, embora para vós não tenha interesse,
marcou no meu passado como um gesto,
—como um gesto d'amor que se não esquece.

Por êsse tempo discutia o burgo
«Vasco da Gama»,
que em São Carlos vivia a eterna fama
na minha estrela como dramaturgo.

... enquanto em scena era dobrado o Cabo «Bôa-Esperança»...

Eu,— porque não dizê-lo?—
sentia-me feliz co'as discussões...
Tinha menos uns anos, mais cabelo,
um coração... e muitas ilusões!...

Uma noite, na «caixa», enquanto em scena
era dobrado o cabo «Bôa Esperança»,
foi-me entregue uma carta, tão pequena
que me cabe ind'agora na lembrança.

Ao canto do envelope, a lêtra inglêsa,
coleante, feminina, original,
—traçára e sublinhára, com firmêza,
esta palavra:—Confidencial.

Mas não, não julguem que a supuz um oficio!...
Lá isso, não senhor...
Garanto até que, sem nenhum indicio,
presenti que essa carta era d'amôr.
E adivinhei. De facto era o cantico
duma alma que aos meus versos se rendia.

Sim, scepticos: — o espirito romantico
do seculo passado, revivia!...

Eu era tão feliz que não me lembro
de ter sentido um estimulo maior!
Foi numa noite fria de Dezembro,
porem, confesso,—enchi-me de calôr!

... nisto chega um coupé...

Saí do palco e, co'a cabeça á roda,
entrei na sala crendo o mundo meu,
como gritando áquela gente toda:
—Olhem p'ra mim, porque o autor sou eu!

E' que a carta, uma carta perfumada,
depois d'enaltecer-me com requinte,
deixava uma entrevista combinada
para o dia seguinte...

Misteriosa, a estranha creatura
para mais se tornar apetecida,
no final, em lugar d'assinatura,
traçára —«Uma mulher comprometida».

Dizia mais que já me conhecia,
e rogava-me, emfim, — p'ra estar ao pé
do Condes, ás dez horas do outro dia,
onde iria buscar-me num *coupé*.

Descrevêr-vos a noite que passei,
é dificil tarefa que não tento,
porque tenho a certeza que não sei!...

Só sei que, de momento p'ra momento,
palpava os prós e os contras da aventura,
pretendendo encontrar,
para o gesto da estranha creatura,
um raciocinio natural, vulgar.

Conquanto inda distante o Carnaval,
cheguei a crer numa partida... E então,
pondo de parte o «confidencial»,
fui consultar alguem sôbre a questão.

Por fim, pensei: —Ora! Que mal funesto,
me pode acontecer?

E achei até o infantil pretexto,
para comparecer,
de ter-me sido aquela carta entregue
ao dobrar-se, na scena, o «Bôa Esperança!»...

Que me atire uma pedra esse que negue
que, por amor, não foi, jamais, creança!...

Muito antes das dez já eu lá estava,
nervôso, no meu pôsto.

Ah! com que fébre ardente desejava
conhecer, finalmente, aquêle rôsto!

Nisto, chega um *coupé*.
Uma mãosinha
chama por mim, abrindo a portinhola.
Vejo no escuro uma mulher, sósinha,
dou mais um passo e... caío na gaiola!...

Ah! meus amigos!...
Eu não desejo a quem me queira mal
a terça, a quarta parte dos castigos
dessa noite impossivel, infernal!

Nunca passei um quarto d'hora assim!

Todo eu era suores!

Antes se despenhasse sôbre mim
o monumento dos Restauradores!...

E' que a desconhecida,
a que eu não sei se desejei, sequer;
a da carta; a mulher comprometida,
—era a minha mulher!...

Lx.ª 10-8-1926 SILVA TAVARES

VARIA

OS BOMBEIROS

Um suplicio de Inquisição!

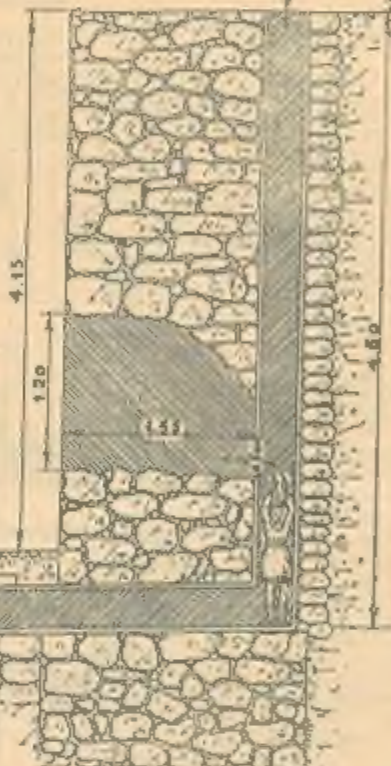
Recorda-se o caso mais sensacional de salvamento em que os bombeiros de Lisboa têm intervindo

FAZ hoje oito dias comemorou-se, com uma festa para a condecoração de alguns bombeiros, o *Dia do Bombeiro*. Vem a proposito referir e arquivar nas paginas de *O Domingo* um caso verdadeiramente sensacional, em que interveio o pessoal do Corpo Municipal de Salvação Publica e que pelas condições excepcionais em que se deu mais parece uma novela á «frisson» do que um autentico caso de vida, passado aqui a dois passos, na Estefania.

As nossas gravuras são elucidativas.

Uma criança brincava na parte superior da muralha, que é representada em corte, e descuidadamente caiu por uma pequena abertura de 28 centimetros quadrados, e da altura de 4m,60, ficando, como o desenho indica, com as mãos e os braços para cima, sem poder fazer qualquer movimento!

Aos gritos dos outros pequenos acudiram populares. A taco. Do ar separava-a uma espessa muralha de dois metros de espessura!

Ao chamamento, a creança, do fundo do seu tumulo, respondia a custo!

Um corte feito na muralha da Estefania, vendo-se o sitio por onde a creança caiu e a enorme fenda feita em baixo pelos bombeiros.

A creança era neta do coronel Pico, e o camarada que a acompanhava arrepelava-se com a ideia de ter que regressar a casa sem o pequeno Alberto.

Imediatamente foram chamados os socorros dos bombeiros municipais. A creança jazia ao fim do terrivel buraco...

O pequeno Alberto Nogueira Pico, salvo após algumas horas de soterramento.

Mas não havia a menor duvida — falava, estava viva! Os minutos passavam, era preciso salval-a antes que a fome ou o terrivel cansaço se apoderasse dos seus membros, obrigados a tão incomoda posição. De fóra, a familia procura, escondendo as lagrimas, animar a pobre creança.

Entretanto, esgotados todos os meios de salvamento por cordas ou cintos, impossivel de aplicar pela parte de cima, os bombeiros, com picaretas, atiraram-se á parede para, lateralmente, atingirem o poço onde a creança caira. Não descançaram os bravos rapazes do corpo de salvação publica.

Um trabalho de dias aparecia feito, como por encanto, em minutos. A' medida porem que se aproximavam, na excavação, do fosso onde a creança caira, novas dificuldades surgiam. E se uma pedra, um pedaço do forte cimento que revestia esse verdadeiro tumulo de Inquisição viesse a cair sobre a cabeça da pobre creança?!

Pode dizer-se que as ultimas pedras foram retiradas centimetro a centimetro, á mão, pondo os dedos dos bombeiros em sangue.

Uma multidão curiosa daquele espectaculo de «film» americano comprimira-se ao largo da muralha da Rua Mindelo. A força de policia a custo continha o povo — comovido e impressionado com a scena.

O ajudante Hipolito Ribeiro e a exemplificação do salvamento, com cinto duplo de sua invenção, e em que se prova que uma creança ou um homem corpulento pode ser salvo.

Havia muitos olhos marejados de lagrimas.

Até que, num momento, a creança estendeu mais os bracitos e então um rapaz vigoroso, debruçando-se da abertura que estava já com meio metro quadrado, arrastou para o ar o pequeno Alberto Nogueira Pico, no meio duma estrondosa manifestação, a que as mulheres, sobretudo, deram a comovida nota das suas lagrimas.

O cinto duplo aplicado a um rapaz

Solução do problema n.º 82

	Brancas	Pretas
1	14-10	23-14
2	3-7	11-2 (D)
3	13-18	2-13-16
4	26-11-30 (D)	26-19
5	31-12-3-26	7
6	28-25	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 83

Pretas 1 D e

Brancas 1 D e 6 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 81 os srs.: Alolau Cunha, Artur Santos, Armando Machado (Ilhavo), Augusto Teixeira Marques, Neulame (Figueira da Foz), Rolando Mora e Sueiro da Silveira.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo já nosso conhecido e apreciado amador desta secção o sr. José Maria da Silva (Arcos de Valdevez).

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 83

Por H. Meyer (1905)

Pretas (12)

(Brancas (11)

As brancas jogam e dão mate em seis lances (?)

Abu-Abdallah Mohammed... pobre rei que velho e doente vê os dominios invadidos por multidões inimigas! Avança ainda para o acaso da peleja a tentar reproduzir as feitos da sua mocidade heroica; as forças, porem, falham-lhe e determina, que jovem principe Ali ben-Achmed, seu herdeiro, assuma o comando dos exercitos, declarando-lhe para lhe estimular o brio, que só o armará cavaleiro, quando consiga repelir os invasores para alem fronteiras. Ferve-lhe Ali de entusiasmo bélico com o desejo da recompensa. Arranca do alfange cravejado de pedraria rara, e, apoiado pelo grosso das hostes, cutilada á direita, cutilada á esquerda, derruba um a um os chefes inimigos, realisando taes proezas, que, após seis dias de combate feroz, é solenemente armado cavaleiro da suprema Ordem de Calaca por seu pae, o bom e velho rei Abu-Abdallah Mohammed...

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 81

1 T. 1 B R

Resolveram os srs.: Nunes Cardoso, Club Portuense (Porto), A. Pereira da Silva, prof. Sueiro da Silveira, (Beja) e Vicente Mendonça.

Varia

N.º 5 — 2.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA
SOB A DIRECÇÃO DE
CARLOS RODRIGUES
ORDIGUES (Da T. E.)

22 AGOSTO 1926

Apuramento da 1.ª serie de 1926

(12 numeros) N.os 67 a 80

Produções publicadas 119

DECIFRADORES

MAMEGO 119, D. GALENO e MARIANITA 117, LORD DÁ NOZES 90, AULEDO 81, D. SIMPATICO 70, DR. DA MULA RUÇA 60, DAMA NEGRA 59.

Viriato Simões 56, Henrico 41, Visconde da Relva 38, Avieira 35, Dropé 34, Miel 33, Jamengal 27, Oçaloc e Piricáta 20, Africano e D. K. K. Tro 19, Julene & Lourenill 18, Kuritsa 17, Adalberto Bêco 14, Troupe Carcel 8, Jojoroca 6, Aviardo e Menina Xó 5, Bagulho 2, Dr. Fantasma e Hole 1.

CLASSIFICAÇÃO DOS DECIFRADORES

1.ª CATEGORIA

Com mais de 90 %

D. Galeno, Mamego e Marianita

2.ª CATEGORIA

Com mais de 70 %

Auledo e Lord Dá Nozes

3.ª CATEGORIA

Com mais de 50 %

Dama Negra, Dr. da Mula Ruça e D. Simpatico.

CAMPEÃO

O titulo de CAMPEÃO DE DECIFRADORES desta serie, coube á nossa distinta decifradora ***Mamego***, cuja fotografia será publicada num dos proximos numeros.

PRODUTORES

D. Simpatico com 12 produções, Avieira 11, Lord Dá Nozes 9, Bagulho, Ordigues e Visconde da Relva 7, D. Galeno e Viriato Simões 6, Africano, Marianita e Miel 4, Auledo, Camarão, D. K. K. Tro, Kuritsa, Lolita dos Caldos e Rei do Orco 3, Caltar, Dropé, Lohengrin, Jamengal e Vasco H. Dias 2, Camarão e Lord Dá Nozes, Dama Negra, Dr. da Mula Ruça, D. Solidão, Henrico, Lhalha, Malasil, Menina Xó, Oçaloc, Ordisi, Rei Vax, Sancho Pança, Troupe Carcel e Zequitolis 1.

CLASSIFICAÇÃO DOS PRODUTORES

Resultado das votações para o

QUADRO DE DISTINÇÃO

D. SIMPATICO	5 quadros	com	25	votos
BAGULHO	2	»	13	»
DAMA NEGRA	1	»	5	»
LORD DÁ NOZES	1	»	4	»
CAMARÃO	1	»	3	»
D. GALENO	1	»	3	»
V. H. DIAS	1	»	3	»

OUTRAS VOTAÇÕES

Bagulho 9, Lord Dá Nozes 7, Avieira e Ordigues 6, Africano e D. Simpatico 5, Kuritsa, Visconde da Relva 4, Auledo e D. K. K. tro 3, Camarão, Dr. da Mula Ruça, D. Galeno, Jamengal, Lhalha, Marianita e Viriato Simões 2, Caltar, D. Solidão, Lohengrin, Lolita dos Caldos, Ordisi, Rei do Orco, Sancho Pança, Vasco H. Dias, X e Zequitolis 1.

CAMPEÃO

O titulo de CAMPEÃO DE PRODUTORES desta serie coube ao distinto colaborador ***D. Simpatico***, cuja fotografia publicaremos num dos proximos numeros.

EXPEDIENTE

Rogamos aos nossos distintos colaboradores D. SIMPATICO e MAMEGO, a fineza de nos enviarem as suas fotografias, o mais brevemente possivel.

CHARADAS EM VERSO

(A uma velhinha)

1 Porque choras velhinha esquecida?
Por ventura, acalentas ainda
ilusões dessa infancia perdida,
relembrando a ventura que finda?

Anda, fala, acredita faz bem
dar alivio a essa alma sombria.
O teu peito cansado, retem
infelizes [illegible] algum dia?

Talvez chores por veres chegado
desta tragica vida o seu fim,
por julgares que o teu corpo mirrado
vai baixar á *prisão* mais ruim.—3

Mas não chores, é lá podes crêr
que se encontra a suprema ventura;
ainda até [illegible] o nosso sofrer,
tudo é *dôr*, ilusão e amargura.—1

Deixa a vida correr com leveza
porque a paz só se encontra na vala;
abandona portanto a tristeza,
que o teu «*fadisso*» tanto avassala.

Lisboa — LORD DÁ NOZES

(Respondendo á «Dama Negra»)

2 "*Quatro*" e quatro?—diz o Braz—?
professôr abalisado,
para José, o rapaz
da classe mais adiantado.

Vacilando co' a pergunta
e dando resposta errada,
o mestre em seguida ajunta
esta frase arrevesada:

Você não *triscou* o exame—2
e deixou-se lá de tretas.
Vou passar-lhe p'ra castigo
um tal exercicio antigo,
composto de quatro letras.

Dafundo — D. SIMPATICO (T. E.)

3 O «*peteo*» bem guisadinho—1
na «*percepção* da Quinta»,—1
é um soberbo petisco,
quando não haja banzé!...

Havendo porem balburdia
por causa da patuscada,
começam os comilões
numa grande *charadeira*.

Lisboa — VIRIATO SIMÕES

CHARADAS EM FRASE

(Ao amigo e/rador A. M.)

4 *Tenho em vista* que o seu ê*ro* não vê *ela* no *braço* de amigo.—2—1

Lisboa — MARIANITA

5 Para se ter no campo um agradavel *passatempo*, basta vêr fazer a «*vellidão*».—1—2

Lisboa — D. GALENO (T. E.)

6 Ha coisas que, antes do *principio*, não são dignas de *compaixão*, mas sim, depois de terem *começado*.—3—4

Castelo Branco — MANÉ BEIRÃO

7 E' um *defeito habitual* quando jogas o «*bilas*» não tirares os olhos da *ciranda*.—2—2

Lisboa — DROPÉ (da T. E.)

8 Tenham *cuidado*! Nunca brinquem com um *idiota*.—3—1

Lisboa — JAMENGAL

CORREIO

DROPÉ.—Recebi, muito obrigado.

AULEDO, MIEL, OÇALOC E LOHENGRIN.—O «reportorio» dos ilustres confrades espanta-se. Não acham que seria conveniente renova-lo?... Parece-me que fizl...

Secção dirigida por ORDIGUES

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA PEDRO DIAS, 15, 4.º ESQ. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

SPARTANUS, AULEDO.

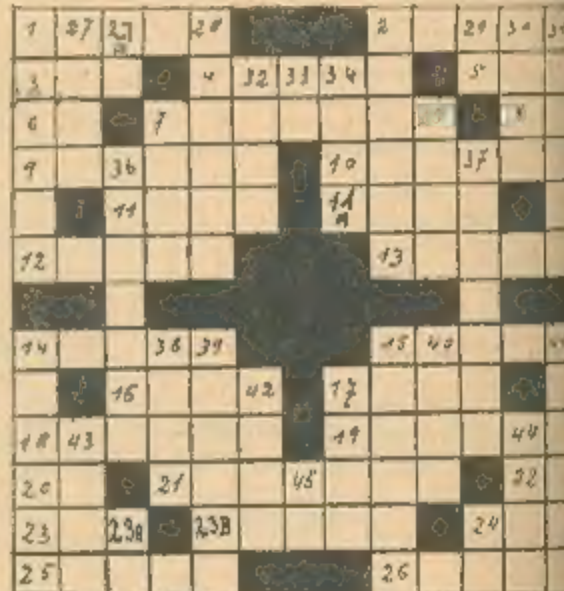
DECIFRAÇÕES DO N.º 83

HORISONTAIS.—1 maravilhoso, 10 repousa, 12 ei, 14 sairá, 15 cá, 16 ria, 18 r v l, 19 sal, 20 toca, 22 asic, 23 ufano, 24 lorpa, 25 mimo, 27 adir, 28 ala, 29 lan, 31 a r i, 32 dó, 33 labor, 35 a a, 36 pacatos, 38 paralelos.

VERTICAIS.—2 ar, 2 rês, 4 apar, 5 noiva, 6 buri, 7 osa, 8 sa, 9 perfumada, 11 palrarias, 13 Teofilo, 15 caipira, 17 acamia, 19 sarda, 21 ano, 22 sôa, 26 cabal, 30 laca, 30 note, 33 lar, 34 rol, 36 pá, 37 só.

Problema de hoje original do nosso ilustre colaborador «DOENTIO».

HORISONTAIS.—1 embarcação usada na India, 2 ousadia, 3 cavasia, 4 desgastar, 5 nome proprio (fm.), 6 nota de musica, 7 antepassado, 8 prefixo que significa á rôda, 9 faço a digestão de (inv.), 10 pancada, 11 ninho (em espanhol), 11-A anagrama de lote, 12 especie de embarcação de carga (em francês), 13 bateu, 14 rival, 15 desenvolve-se, 16 resal (inv.), 17 cidade italiana, 18 enroupar, 19 perpetuo, 20 elemento, 21 parlenga, 22 carta de jogar, 23 pron. pess. (pl.) (em francez), 23-B anagrama de tiola, 24 amarro, 25 canto funebre, 26 capacetes.

VERTICAIS.—1 pantanoso, 23-A duas consoantes, 24 anagrama de má, 27 anagrama de roca, 27-A duas letras de toga, 28 esquece, 2 serra do Brasil, 29 pron. pessoal, 30 atractivo, 31, especie de palmeira do Brasil, 32 metaloide que se encontra nas cinzas das plantas marinhas, 33 a mim, 34 diante, 7 proceder, 35 prefixo, 36 encerrou, 37 esquecer, 14 anagrama de Racine, 38 marisco, 39 resaris, 18 trova, 40 anagrama de leme, 41 que teem muitos anos, 17 óro, 42 de viva voz, 43 guarneça, 44 nascido, 45 contracção da preposição e do artigo.

CORREIO

PIRICÁTA.—O seu problema está tão confuso em sinonimia e decifrações, que não é possivel dar-lhe publicidade.

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA . . .

Os martires do turismo

Pagina palpitante de realidade, decerto já vivida por todos os que a lerem e que entre nós é sempre, infelizmente, oportunissima.

—E' um prazer viajar neste paiz de belo clima, de linda paisagem, dizia-me ha dias um cavalheiro da Propaganda de Portugal.

Concordei com muitas restrições e mesmo assim por comprazer; e perguntei-lhe donde vinha.

Descreveu-me então uma volta pelas termas, nos melhores hoteis e gosando de todo o conforto que nalguns deles se pode desfrutar, a troco, já se vê, duma sangria maior, na bolsa do confortado.

—Mas, protestei, você não pode ter a pretensão de meter todos os turistas que nos visitam em meia duzia de hoteis que verdadeiramente podem ter esse nome e nem toda a gente que pretende vêr as nossas belezas vem diretamente das minas de ouro da California. Em materia de hoteis e apárte raríssimas excepções, o nosso paiz deixa muito a desejar; e digo-lhe muito por favor e por atenção á Sociedade de que o meu amigo faz parte, porque na verdade deixa tudo.

E para o elucidar fiz-lhe esta apavorante descrição, aliás resumidissima e que pela palidez dos traços fica ainda muito aquem da realidade:

—Suponha o meu amigo, por exemplo, esta viagem, que me vi obrigado a fazer ha pouco tempo e cujos transes são inevitaveis para quem se proponha viajar em Portugal, fóra das delicias do sleeping e dos Palaces termais.

Não lhe descrevo os horrores do trajecto inicial, para não o vêr desmaiar de emoção, logo ao desabrochar da narrativa. Mas faça uma pequena ideia dos suplicios que pode produzir a conjugação de elementos como o calor, as moscas, a ausencia total de limpeza e de conforto da carruagem que me transporta,—que apenas no titulo se póde considerar de 1.ª classe, porque, de facto, é da ultima—e para cumulo, a extrema morosidade, as constantes, as intermináveis paragens do rapido que me conduz, o qual tambem apenas é rapido para efeitos de pagamento da sobretaxa de velocidade.

Isto de taxas e sobretaxas é tambem entre nós uma verdadeira praga, um vicio. E' um paiz onde tudo se taxa, o que de resto não admira, dada a nossa riqueza vinicola. Mas a tais elementos, que transformam uma viagem, que podia ser breve e agradavel num longo martirio de muitas horas, acrescente o meu amigo mais este: a enorme, a inconcebivel distancia a que muitas estações ficam dos logares que pretendemos visitar ou que merecem a nossa visita; o que nos leva a constatar de visu e por experiencia propria a urgencia maxima da solução do problema das estradas, de que ficamos sendo acérrimos defensores.

E depois de tudo isto, imagine o efeito que terá para o estado de consternação em que chegamos a contemplação dum tenebroso hotel, cujo aspecto nos deixa antever logo que os horrores passados nada são ante os futuros.

E é sempre pomposo o nome desses antros de suplicio.

E' sempre o grande Hotel de qualquer coisa. E saimos sempre convencidos de que efectivamente é grande, nas contas e na falta de conforto. Nesse ponto é mesmo colossal, quasi sempre.

Subimos. Logo na sala de entrada podemos deliciar-nos com um verdadeiro museu de arte em calendarios das mais remotas eras, a que não falta

Legiões de percevejos famintos, familias inteiras acoladas pela fome descem das suas cavernas, ao cheiro da carne fresca.

a patine de antiguidade, atestada pelas sucessivas camadas de poeira, que o tempo prodigamente forneceu e nos retoques dos seus diversos desenhos e paisagens, em que varias gerações de moscas colaboraram.

Ha tambem um quadro inevitavel: uma senhora de longas peles, regalo e chapeu de fartas plumas, que sorri deliciada no meio dum deserto de gelo desolador e frio, tendo por fundo uma interminavel paisagem de neve siberiana.

Na sala de jantar encontramos o eterno canapé de palhinha, derrancado e flacido, um guarda-louça com amostras de chavenas dos mais diversos formatos e desenhos, balouçando-se em ferrugentos camarões, emquanto outras mutiladas, invalidas, sem asa que as eleve e as sustente, as olham de baixo humildemente, com inveja; e formando o sequito, a «entourage» de velhas e respeitaveis terrinas e veneraveis garrafas de Kermann e de Escarchado bebido ha longos anos, fileiras compactas de maçãs vermelhas e de fórmas alentadas, algumas tapando discretamente a boca a grossos copos, escurecidos pelo sarro do vinho bebido por muitas gerações de viajantes.

Na mesa espera-nos uma sopa, onde as moscas pretendem salvar-se a todo o transe, agarrando-se aos talos da couve e aos cabelos que a cosinheira deixou ali cair, propositadamente já para tão piedoso fim.

E depois duma refeição toda em hipoteses, pretendemos naturalmente repousar.

Mas a não ser que nos acometa o sono eterno, temos de ficar na pretensão.

Numa irresistivel tentação, deixamos cair o corpo contuso e moido das atribulações da tragica jornada, sobre uma cama que nos recebe sempre recalcitrando e com protestos da sua desengonçada e ferrugenta arquitectura.

Temos nesse momento a nitida impressão de ter caido sobre um marmore. Depois das contusões adquiridas durante a acidentadissima viagem, aquela marmorea rigidez oferece-nos a agradavel e perfeita sensação de que o nosso fracturadissimo esqueleto vai por fim repousar sobre a decantada mesa de anatomia.

Porem, o peor suplicio vem depois.

Legiões de percevejos famintos, familias inteiras açoladas pela fome des-

... entrava-me no quarto solenemente, ao colo do hoteleiro, um objecto extranho, de grandes proporções, dificilmente reconhecivel e que ele apertava ao seio...

cem das suas cavernas, ao cheiro da carne fresca. Numa perfeição estrategica notavel, rapidamente, a invasão alastra. Lê-se-lhes no rosto a mesma alegria satanica que á entrada descobrimos no hoteleiro, ao ver chegar emfim um hospede, uma vitima.

Então a luta é tremenda, feroz. E se o viajante tem a temeridade de ficar, é certo que na manhã seguinte encontrará apenas o seu cadaver. O menos que pode acontecer-lhe é constatar de madrugada nos restos nebulosos do espelho do lavatorio que um inesperado ataque de sarampo o acometeu.

A madrugada encontra-nos geralmente dormindo sobre o parapeito da janela; e mal refeitos da luta nocturna, procuramos lavar-nos. Um lavatorio só visivel ao microscopio passa-nos despercebido. Chamamos alguem.

Aparece sempre o proprio hoteleiro, curioso por ver o estado em que ficámos depois do ataque nocturno.

Diz sem convicção nenhuma e para nos animar que o nosso aspecto é excelente e lê-se-lhe entretanto no semblante o pasmo de nos ver ainda com vida e figura humana, apoz a luta nocturna com as feras que infestam os seus tragicos aposentos.

Nesta ultima viagem, nesse momento, muito ingenuamente pedi um banho.

Um espanto indescritivel se espalhou no rosto do hoteleiro, como se lhe tivesse pedido a coisa mais extranha ou imprevista. E passados momentos, já mais refeito da grande admiração que o meu desejo provocou, respondeu:

—Pode V. Ex.ª, querendo, lavar os pés; temos aí uma bacia de cobre.

Muito naturalmente, achei pouco.

Ele então, numa inspiração feliz, num grande ar de hoteleiro moderno, tomando uma atitude civilizada, acrescentou:

—E temos aí um bidé!!!

Foi então a minha vez de ficar mudo perante tão inesperado requinte, e mandei vir o aparelho.

Esperei emocionado e ansioso e pouco depois entrava-me no quarto solenemente, ao colo do hoteleiro, um objecto extranho, de grandes proporções, dificilmente reconhecivel e que ele apertava ao selo, cautelosamente, com verdadeiro carinho maternal.

Constatei que de facto o objecto em questão era o que me havia sido anunciado.

O monstro tinha todo o aspecto de ser quasi antidiluviano. Com os interiores pintados de amarelo vivo, as pernas tortas, horrendo e temeroso, bojudo, largo, proprio para formas avantajadas, decerto preistoricas; quasi podia dizer-se colossal.

Puz-me a estuda-lo curiosamente; fôra de certo adquirido ha seculos na cidade, nalgum leilão burguês.

Posto no chão, ficava com uma das pernas no ar, como estes cães a que pizamos uma pata. E por mais que se tentasse fazer hipismo sobre tão horrendo monstro, todos os esforços resultavam inuteis, em virtude do balanço desordenado que os seus tres pés mal alinhados produziam.

Não me atrevi, nem tentei afinal montar o bicho.

E entre desolado e compungido por não sentir coragem para usar de tal requinte, dirigi-me ao rio mais proximo e numa toilette verdadeiramente edenica, tomei um banho selvaticamente natural, é certo, mas completo, total e sem perigos.

AUGUSTO CUNHA

Actualidades gráficas

A MORTE DE UM GRANDE SPORTSMAN

O Sr. Conde de Fontalva, notabilissimo sportsman, que aliava a um grande espirito de artista um bondosissimo coração, e que deixa em seus filhos, legitimos herdeiros das suas grandes qualidades.

O celebre «mail coache» da casa Fontalva, em que o sr. Alfredo Anjos, Conde de Fontalva, fez a famosa viagem atravez a Europa, e em que todo o mundo sportivo falou.

O DIA DO BOMBEIRO

A aposição das medalhas de ouro aos bombeiros pelos snrs. governador civil e comandante Rodrigues Alves, na parada do Quartel da Avenida Wilson, constituiu um espectaculo imponente.

NOSSA SENHORA DO AR

Por iniciativa do nosso colaborador e grande poeta Silva Tavares fez se em Sintra a festa de Nossa Senhora do Ar. O Snr. Presidente do Ministerio, general Carmona, colocando o estandarte na lança da bandeira da Aviação.

Sua Eminencia o Snr. Cardial Patriarca entre altas individualidades oficiais e os snrs. presidente do Ministerio e ministros da Marinha, Interior, Instrução e Estrangeiros.

(«Clichés» de O Domingo Ilustrado)